

---

## **Imaginários de masculinidade(s) nos cantos das torcidas da dupla Gre-Nal<sup>1</sup>**

Soraya Damasio BERTONCELLO<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo identificar os imaginários de masculinidades expressos nos cantos da torcida do Grêmio e do Internacional, clubes de futebol de Porto Alegre. Para tanto, foi feita uma observação *in loco* dos cantos e, a partir da Análise Discursiva de Imaginários, foi possível confirmar que as músicas entoadas pelos torcedores de ambos os clubes privilegiam uma masculinidade hegemônica e heteronormativa, que deprecia o rival usando termos homofóbicos, entretanto, há uma valorização da homoafetividade entre torcedores do mesmo time, em cantos que celebram a união e o pertencimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidades; futebol; imaginário; torcida

### **Introdução**

O futebol transcende a dinâmica esportiva: é um fenômeno que abarca multidões de fanáticos dispostos a investir muito na sua paixão, um grande negócio que gira milhões em compra e venda de atletas, direitos de transmissão e imagem e o consumo dos adeptos/torcedores em bens e serviços. Conforme o último “Levantamento Financeiro dos Clubes Brasileiros” (2023), da consultoria Ernst & Young Brasil, a receita total dos clubes brasileiros em 2022 foi de R\$8,1 bilhões, sendo R\$6,0 bi a receita sem transferências de jogadores. No contexto econômico do futebol espetáculo, já é possível perceber a desigualdade de gêneros: a Copa do Mundo de mulheres de 2023 distribuiu US\$ 150 milhões para as participantes. Apesar de o valor ser três vezes maior do que a edição anterior, em 2019, ainda é muito abaixo do valor pago às seleções masculinas que disputaram a Copa do Qatar em 2022: US\$ 440 milhões (Murad, 2023).

Ironicamente, o futebol é uma das poucas instâncias que permite uma manifestação de afeto entre homens. Apesar de ser um contexto que exalta a virilidade e é permissiva com a violência simbólica e até mesmo física, os torcedores cantam, sem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, publicitária, doutoranda do PPGCOM – PUCRS, bolsista da CAPES, e-mail: soraya.bertoncello@edu.pucrs.br

---

nenhum constrangimento, sobre amor eterno ao seu time do coração e aos atletas de suas equipes. Por isso, Damo (2005, p. 395) define o futebol como um

[...] processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros.

As formas de torcer, expressas nos cantos, rituais, performances, entre outros, têm um caráter primordialmente comunicacional: ao analisar os cantos da torcida, buscamos desentranhar o comunicacional na observação de um fenômeno social (Braga, 2011). Os cantos de torcida constituem relatos sobre uma existência social - o ser torcedor - e se produzem em um espaço que legitima insultos e violências. Analisar estes cantos, portanto, permite a observação de uma série de imaginários e representações que circulam na sociedade em geral.

Este artigo tem como objetivo identificar os imaginários de masculinidades presentes nos cantos da torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e do Sport Club Internacional, os dois clubes com maiores torcidas de Porto Alegre. Adotamos a proposta de Silva (2019, p. 97), na qual o imaginário é “uma narrativa inconsciente ou uma ficção subjetiva vivida como realidade objetiva cuja formação ou cristalização permanece encoberta exigindo um descobrimento”. Ou seja, nos propomos a investigar como as torcidas gremista e colorada enxergam a si mesma, ao seu rival e expressam, através dos seus cantos, o imaginário de masculinidades.

### **Gênero, sexualidade e masculinidade hegemônica no futebol**

As relações de gênero, ao mesmo tempo em que desafiam, mobilizam estudos sobre fenômenos que demonstram as desigualdades nas práticas relativas a identidades sexogênicas. A partir de Joan Scott (1995), podemos compreender gênero não apenas como uma construção social, mas como uma forma de constituição de relações sociais surgida a partir das diferenças percebidas entre os sexos que, por sua vez, se constituem no interior das relações de poder e dominação. A autora assevera que “as identidades subjetivas são processos de diferenciação e de distinção, que exigem a supressão de ambiguidades e de elementos de oposição, a fim de assegurar (criar a ilusão de) uma coerência e (de) uma compreensão comum” (Scott, 1995, p. 82).

---

As noções de masculinidades variam de uma cultura para outra e nos diferentes momentos históricos (Kimmel, 1998). Ou seja, não é possível abordar “masculinidade” no singular, como uma constante universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos que estão em contínua mudança. Para Connell e Messerschmitt (2013), a masculinidade hegemônica é compreendida como um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre toda a malha social. É uma masculinidade normativa e que exige a subordinação das outras expressões de masculinidades, e ela está baseada em práticas de gênero que são socialmente aceitas, estabelecendo posições de dominantes e dominados, sempre em constante disputa.

Scott (1995, p. 82) traz a oposição ao feminino como constituinte do masculino: “a ideia de masculinidade repousa na repressão necessária de aspectos femininos - do potencial do sujeito para a bissexualidade - e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino”. Nesse sentido, Alabarces (2012) e Bundio (2018) entendem que, no futebol, a polarização se dá a partir da dicotomia homens-não homens: “Os cantos, através do uso da linguagem e de símbolos, colocam em relação um conjunto de ideias, imagens, sentimentos, valores e estereótipos próprios de um mundo de homens” (Bundio, 2018, p. 201).

### **Metodologia e construção do corpus da pesquisa**

Para identificar e analisar os imaginários de masculinidades presentes nos cantos das torcidas do Grêmio e do Internacional, utilizamos a Análise Discursiva de Imaginários (ADI), método proposto por Silva (2019) que pretende cercar o objeto em análise, desconstruindo-o e removendo as camadas que o recobrem, como em um processo arqueológico. A ADI oferece ferramentas para analisar discursos ou seus fragmentos, a partir de Tópicos Emergentes (T.E.s), “essas pontas de icebergs que emergem do discurso como pistas dos imaginários encobertos” (*ibidem*, p. 101). O diálogo com o discurso analisado tende a fazer emergir essas categorias recorrentes capazes de permitir o mergulho no objeto.

O imaginário, segundo o francês Michel Maffesoli (2001, p.75), é “o estado de espírito de um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transformação”, ou seja, para Maffesoli, o imaginário é como um sentimento coletivo

que perpassa a racionalidade. Nesta pesquisa, o imaginário pode ser apreendido nas características apontadas como “masculinas” nos cantos que serão analisados. Adjetivos, hipérboles, metáforas, comparações, jogos de palavras... todo imaginário é discurso e contém traços que permitem desvelar os sentidos atribuídos, que contribuem para a cristalização de visões de mundo.

O corpus de análise desta pesquisa está composto por dez músicas, sendo cinco cantadas pela torcida do Grêmio e cinco cantadas pela torcida do Internacional. Entre as músicas analisadas, foi possível identificar 13 Tópicos Emergentes, para os quais propomos uma sistematização em torno de três categorias, conforme o diagrama abaixo (FIG. 1):



FIGURA 1 - Categorização dos Tópicos Emergentes  
FONTE – A autora, 2024.

Na categoria “Pertencimento”, que engloba os T.E.s Sempre estar/Seguir, Globalismo, Localismo, Dar a Vida, Festa, Álcool e Rivalidade, encontram-se os tópicos que se relacionam ao pertencer a uma torcida. Nos cantos das torcidas gremista e colorada, usar expressões locais (Localismo), cantar sem parar pelo seu time (Festa), celebrar as conquistas de destaque mundial (Globalismo) e explicitar quem é o “eu” e o “outro” (Rivalidade) demarcam o pertencimento.

Na categoria “Sentimento”, entendemos os T.E.s que se relacionam aos sentimentos positivos provocados pelo torcer e exaltados nos cantos: o amor descontrolado, a única paixão, a alegria que o ato de torcer provoca, loucura inexplicável causada pelas cores do seu clube. O Tópico Emergente “Festa” encontra-se na interseção

---

entre “Sentimento” e “Pertencimento” uma vez que é na festa do torcer onde se expressa toda a alegria e onde o torcedor, de fato, existe como tal.

Por fim, a categoria “Oposição” traz os Tópicos Emergentes Rivalidade, Alteridade, Homofobia, Força e Álcool. Por Rivalidade, entendemos a referência direta ao clube rival, enquanto Alteridade traz os casos onde as canções falam da existência de um outro que não é o torcedor e, por consequência, não entende o torcer.

O Tópico Emergente “Álcool/Drogas” foi enquadrado nas três categorias pois hora o consumo de entorpecentes aparece como algo próprio da alegria (“Sentimento”), hora como algo intrínseco a estar nas arquibancadas (“Pertencimento”), mas também como a substância que dará força/coragem para enfrentar o rival – seja no plano da violência física ou simbólica. Ainda sobre este T.E., Pablo Alabarces (2012, p.p. 78-79), assevera que “o consumo de drogas e álcool também organiza a masculinidade. (...) Os vícios funcionam como sinal de prestígio, porque colocam o viciado no mundo masculino”.

### **Considerações finais**

Os cantos das torcidas de Grêmio e Internacional, apesar da rivalidade entre seus torcedores, trazem mais semelhanças do que diferenças. A maioria dos adeptos dos dois maiores clubes de Porto Alegre, quando na arquibancada, performam um torcer que, ao mesmo tempo em que celebra o pertencimento e o amor ao seu semelhante, despreza o *outro*. O torcer possui uma linguagem própria, com códigos que estabelecem quais sentimentos podem ser expressos e como: “num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 388). São tais códigos morais próprios que fazem com que os mesmos sujeitos que não se constroem de proferir xingamentos machistas e homofóbicos nem de se orgulhar de ser “delinquente”, “matar um putro tricolor” e “queimar chiqueiro”, cantem sobre um amor sem limite de tempo ou intensidade.

As demonstrações de afeto entre homens “são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa” (BANDEIRA, 2010, p. 349), mas não entre homens torcedores – que se abraçam nas comemorações dos gols – ou entre homens torcedores e

homens atletas. Entretanto, as relações de afetos entre homens, expressadas pelos cantos das torcidas, é sempre entre iguais: torcedores do mesmo time, que agem conforme os mesmos códigos daquele ambiente. O carinho/admiração será por outro que seja igualmente pertencente à masculinidade aceita no ambiente do torcer. É relevante observar, também, que as demonstrações de homoafetividade aceitas estão sempre resguardadas pelo coletivo: o afeto individual entre dois homens não acontece de forma alguma, pois a masculinidade hegemônica performada pelos torcedores sempre se mantém distante de qualquer coisa que possa fragilizar a ideia de uma virilidade heterossexual.

## REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital intelectual. 2012
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*. v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, v. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.
- BUNDIO, Javier Sebastián. La construcción del otro en el fútbol. Identidad y alteridad en los cantos de las hinchadas argentinas. *Cuadernos de Antropología Social*, v.47, 2018.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Impacto do Futebol Brasileiro. [S. I.]: Ernst & Young Sports.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n.1, p. 241-282. 2013.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- KIMMEL, Michael. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. *Horizontes Antropológicos*. n. 9, p. 103-117. 1998.
- LEVANTAMENTO Financeiro dos Clubes Brasileiros 2023. [S. I.]: Ernst & Young Sports.
- MAFFESOLI, Michel. O Imaginário é uma Realidade (entrevista). *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, v. 1, n. 15 p. 74-82, ago. 2001.
- MURAD, Fernando. Copa Feminina bate recorde de patrocínio. *Meio & Mensagem*. São Paulo, 20 de julho de 2023.

---

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 1995.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer*. Porto Alegre: Sulina, 2019.